

A IMIGRAÇÃO CHINESA NO CEARÁ: UM OLHAR SOBRE UMA PAISAGEM SIMBÓLICA NO CENTRO DA CIDADE DE FORTALEZA

Elidiane Silvia Ferreira ¹

RESUMO

Este resumo tem por objetivo fazer uma leitura da paisagem chinesa a partir de elementos simbólicos que engendraram uma paisagem cultural no bairro Centro da capital cearense. Os estudos sobre a migração contemporânea têm se tornado cada vez mais frequente nas ciências humanas e na Geografia, para além de enfoques de natureza econômica, política e ambiental, faz-se necessário a realização de uma abordagem pelo viés da Geografia Cultural, em que a proposta seja pensar e refletir sobre as transformações na paisagem que indivíduos ou grupos realizam no lugar a partir de seu processo migratório. Nesse sentido, por meio do olhar geográfico e procedimentos etnográficos, nos dispomos a fazer uma leitura etnogeográfica da migração chinesa a partir da paisagem e dos elementos simbólicos que nela estão impressos. O Centro de Fortaleza será nosso recorte espacial, por apresentar uma paisagem associada a uma intensa atividade comercial, principal atividade realizada por este grupo em seu processo de permanência na cidade e por ser um lugar que se encontra impregnado de elementos simbólicos que nos remetem à presença chinesa.

Palavras-chave: Imigração Chinesa, Paisagem, Elementos Simbólicos, Fortaleza.

RESUMEN

Este resumen tiene por objetivo hacer una lectura del paisaje chino a partir de elementos simbólicos que engendraron un paisaje cultural en el barrio Centro de la capital cearense. Los estudios sobre la migración contemporánea se han vuelto cada vez más frecuentes en las ciencias humanas y en la Geografía, además de enfoques de naturaleza económica, política y ambiental, se hace necesario la realización de un abordaje por el sesgo de la Geografía Cultural, donde la propuesta es pensar y reflexionar sobre las transformaciones en el paisaje que individuos o grupos realizan en el lugar a partir de su proceso migratorio. En ese sentido, por medio de la mirada geográfica y procedimientos etnográficos, nos disponemos a hacer una lectura etnogeográfica de la migración china a partir del paisaje y de los elementos simbólicos que en ella están impresos. El Centro de Fortaleza será nuestro recorte espacial, por presentar un paisaje asociado a una intensa actividad comercial, principal actividad realizada por este grupo en su proceso de permanencia en la ciudad y por ser un lugar que se encuentra impregnado de elementos simbólicos que nos remiten a la presencia china.

Palabras clave: Inmigración China, Paisaje, Elementos Simbólicos, Fortaleza.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará / PROPGEU/UECE, elidiane.ferreira@aluno.uece.br

O fenômeno migratório contemporâneo tem se tornado uma agenda para várias ciências humanas e no contexto da Geografia pode ser analisado através de práticas socioespaciais atreladas a um contexto da globalização e crise do sistema neoliberal que enseja novas diásporas, produzindo arranjos que ensejam paisagens simbólicas a partir de determinados grupos específicos. Dessa forma, para se reproduzir ou seguir em busca de melhores condições de vida, o homem se desloca constantemente no espaço, percorre lugares, constrói e modifica paisagens.

Verifica-se, que nas últimas décadas, a migração de chineses assim como a de outros grupos, desenrola-se com mais intensidade e acelera-se devido a uma série de transformações que vêm acontecendo na escala mundo. Elas são frutos de um processo de globalização, na qual resulta em transformações e reflexos nas sociedades contemporâneas e imprime marcas nos mais diversos lugares.

Parafraseando Santos (2010) “os novos estrangeiros” se apresentam em um novo panorama das migrações contemporâneas bem diferente daqueles conhecidos em séculos anteriores. Esse processo migratório muitas vezes acontece de forma rápida e sem planejamento algum, por isso acreditamos ser necessário olhar para estes migrantes, enquanto sujeitos, que trazem consigo cultura e acabam por imprimir nos lugares em que habitam ou trabalham, parte dela.

Atualmente, no que se refere à migração internacional para o Brasil, percebe-se os fluxos de europeus, fronteiriços, africanos e asiáticos. Este último, divide-se em dois grupos: o primeiro constituído por japoneses e libaneses que entrou no Brasil com mais intensidade até a década de 1970, e outro, constituído por coreanos e chineses que se intensificaram após este período. Ressaltamos que estes grupos não deixaram de vir ao Brasil em outros períodos, mas estes marcos expressam a sua relevância.

No Brasil, a migração chinesa se deu a partir de 1810, principalmente para o cultivo de chá no Rio de Janeiro. No entanto, essa primeira experiência com a adoção de mão-de-obra chinesa não teve êxito. Ela só foi intensificada mais tarde, a partir da década 1990 e com mais força, no início do século XXI, quando eles se dedicaram a outras atividades, tais como as comerciais (CHEN, 2010).

Eles migraram não só para o Brasil, mas para muitas cidades vinculadas diretamente à economia mundo e que, portanto, possuem múltiplas centralidades, como por exemplo: Nova

York, Paris, Milão, Londres, Amsterdã, Cidade do México, Buenos Aires, São Paulo, entre outras.

Atualmente, além da cidade de São Paulo, de acordo com Vilela (2008), verifica-se a presença de migrantes chineses desenvolvendo atividades comerciais na área central de inúmeras cidades grandes e médias da rede urbana brasileira. Entre elas destacam-se: Vitória da Conquista (BA), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ), Curitiba (PR), Foz do Iguaçu (PR), Cascavel (PR), Fortaleza (CE), entre outras.

No presente século, não é incomum encontrar um imigrante de nacionalidade chinesa em Fortaleza, especialmente, no centro da cidade onde se observa uma camada de densidade simbólica enunciada por uma paisagem associada a uma intensa atividade comercial.

Com a chegada dos chineses houve a espacialização de elementos simbólicos na paisagem fortalezense, e um estranhamento, entre os que chegaram e as populações locais, decorrentes das diferenças que se apresentam entre eles, sobretudo, de cunho cultural.

A paisagem humana precisa ser lida como uma expressão composta de muitas camadas de significados, tendo em vista que em muitos casos ela pode vir a ser estranha para nós e não é sensato atrelá-la somente a forças demográficas e econômicas, conforme apontou Cosgrove.

(...) nossa Geografia deixa escapar muito do significado contido na paisagem humana. Tendendo a reduzi-la a uma impressão impessoal de forças demográficas e econômicas. A ideia de aplicar à paisagem humana algumas das habilidades interpretativas que dispomos ao estudar um romance, um poema, um filme ou um quadro, de tratá-la como uma expressão humana intencional composta de muitas camadas de significados, é claramente estranha para nós (COSGROVE, 2012, p.222).

Não é difícil concluir que paisagem e cultura há muito tempo andam associadas, e juntas são estudadas por diversas ciências, como por exemplo, pela Geografia Cultural. Ressaltamos ainda que os aspectos culturais de um grupo é condição *sine qua non* para que se compreenda e conheça o ser migrante, e que este, no intenso movimento do seu eu entre lugares, leva consigo hábitos, costumes e crenças, ou seja, aspectos da cultura de seu país ou aqueles adquiridos em seu caminho através de suas vivências.

Em concomitante ao estudo entrelaçado de paisagem e cultura, Cosgrove (2012), reitera que ao geógrafo, é necessário compreender a linguagem empregada na paisagem através dos símbolos e de seus significados, mesmo que eles não estejam tão aparentes.

O Centro de Fortaleza, tornou-se nas últimas décadas, um espaço em que se desenvolveu o comércio popular e é nele que se concentra a maior aglutinação de lojas chinesas da capital cearense (FERREIRA, 2016). Enquanto recorte espacial do presente



trabalho, podemos equipará-lo “a um lugar simbólico, onde muitas culturas se encontram e, talvez entrem em conflito”, conforme aponta (COSGROVE, 2012).

Nesse sentido, ao percorrer o centro da capital cearense é possível perceber que sua paisagem se encontra tomada por elementos simbólicos que nos remetem à presença chinesa. Dentre eles: a presença do Dragão, do leque, das cores vermelho e amarelo, da música, da culinária chinesa, dos produtos *Made in China*, de caracteres chinês, do idioma (mandarim) e de sua própria presença, dentre outros.

Na Figura 01 com justaposição de imagens, é possível visualizar alguns dos elementos simbólicos da cultura chinesa que estão impressos na paisagem fortalezense.

Figura 01: Elementos simbólicos da cultura chinesa em Fortaleza



Fonte: Autora. Org. Autora. Abril de 2023.

A “paisagem chinesa” que se apresenta no Centro de Fortaleza precisa ser vista e compreendida, por isso concordamos com Angrosino (2009), quando o autor afirma que o pesquisador precisa fazer uma imersão no mundo de seus sujeitos. Entender o outro que vem de tão longe, mas que agora vive bem pertinho de nós e transforma a paisagem ao nosso redor através de símbolos e signos dispostos em seu lugar de permanência nos parece ser um problema que a Geografia pode deixar sua contribuição.

Os conflitos e estranhamentos acontecem porque há no lugar em que o grupo migrante chega, uma cultura dominante. Em contrapartida, o migrante traz consigo um conjunto de elementos simbólicos decorrentes de sua cultura e as imprime na paisagem do lugar em que habita. A partir de Cosgrove (2012), nós a entendemos como uma paisagem alternativa pois

ela é menos visível que a paisagem dominante, contudo, ela não é menos interessante nem relevante e possui sua própria Geografia e seus próprios sistemas simbólicos.

A paisagem chinesa em Fortaleza nos remete a uma paisagem alternativa, mais precisamente, a um subgrupo dela, a paisagem emergente. De acordo com Corrêa (1995), as paisagens emergentes, podem ter caráter transitório e podem expressar uma nova organização social e espacial capaz de ser percebida nos lugares.

Diante do exposto, objetivamos fazer uma apresentação dos elementos simbólicos que retratam a presença chinesa no Centro comercial de Fortaleza e ao mesmo tempo apresentar as transformações que estão evidentes na paisagem.

Ressaltamos ainda que a maioria dos estudos realizados sobre dinâmicas migratórias são de natureza econômica, políticas e ambientais, e que esse trabalho se justifica por contribuir no estudo das Migrações e por trazer uma abordagem, sobretudo, com o viés da Geografia Cultural.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho se realizou a partir da observação não-participante, descrição e análise qualitativa dos elementos simbólicos que revelaram a existência de um grupo de migrantes chineses em Fortaleza modificando a paisagem de seu Centro.

Atrelamos um olhar geográfico a procedimentos etnográficos, intitulado pela Geografia de Etnogeografia ou Geoetnografia como indicou Souza em 2013. Juntos foram práticas fundamentais para a construção de uma etnogeografia da “paisagem chinesa” em Fortaleza.

As etapas deste trabalho foram organizadas e divididas em 4, nesta ordem: Na primeira etapa, fizemos um levantamento bibliográfico seguido de leituras e reflexões acerca da temática e dos trabalhos que já foram produzidos. Para uma melhor compreensão da Geografia das migrações trabalhamos com autores que inseriram em seus estudos, abordagens contemporâneas, dentre eles: Sayad (1998), que identifica a migração como uma palavra de duas ordens, já que o migrante é ao mesmo tempo emigrante e imigrante; Santos (2010), que apresenta um novo panorama das migrações contemporâneas intitulando - os como “os novos migrantes”; Marandola JR (2010), que vê o migrante enquanto “ser-no-mundo”, uma experiência de nosso tempo; Cavalcanti, Tonhati, Araújo e Botega (2015), que afirmaram que as migrações não se dão unicamente em jornadas lógicas ou pelas rotas mais próximas entre dois países. O conceito de Paisagem nos permitiu um diálogo com

autores, como: Corrêa (2012), que discorre sobre a construção do conceito de paisagem para a Geografia; Cosgrove (2012), que vê a paisagem como uma nova forma de ver o mundo, associada a cultura, impregnada de simbolismo e inserida em um mundo de significados; Claval (2012), faz uma leitura da paisagem em que não se leva apenas em consideração a realidade objetiva, mas também, preocupa-se com a maneira como ela está carregada de sentido e investida de afetividade por aqueles que vivem nela ou que a descobrem; e Meinig (2002), mostrando que há muitas formas e abordagem de se compreender a paisagem pois ela não é composta apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes.

Com o intuito de caracterizar a migração chinesa no país e os elementos simbólicos de sua cultura que impregnam a paisagem fortalezense, dialogamos com Chen (2010), que nos traz um olhar sobre alguns aspectos referentes à imigração chinesa no Brasil, sua cultura e seu processo educacional a partir da realidade brasileira; Neves, Vasconcelos e Lacerda (2022), que discorrem sobre a trajetória chinesa em centros históricos brasileiros; Ferreira (2016), trabalhou com a espacialização de chineses no Ceará a partir de atividades comerciais; Drigo e Perez (2012), que explicita os espaços de vivência com a cultura chinesa por meio de fotos etnográficas; Lisboa (2016), que a partir de suas observações pessoais em sua viagem realizada a China nos mostra a riqueza cultural desse grupo de imigrantes que aqui se encontra; e Trevisan (2014), relata aspectos culturais dos chineses, a fim de que, os compreendamos melhor. Para a discussão sobre metodologia e teorias das migrações, destacamos: Durant e Lussi (2015). E para a argumentação das práticas etnográficas e a etnogeografia, metodologia que adotaremos para construir esta tese, dialogamos com: Angrosino (2009), destaca que a etnografia e a observação participante desempenham um papel fundamental na pesquisa qualitativa e portanto nos deu aporte para o uso das ferramentas etnográficas utilizadas neste trabalho; Peirano (2008), nos mostrou o histórico do uso da etnografia pela comunidade científica desde de seu surgimento até o presente século; Claval (1999), em seu artigo intitulado “etnogeografias”, afirma que todas as sociedades merecem ser estudadas sob esta ótica porque refletem ao menos em parte as representações que seus membros compartilham; Souza (2013), contribuiu para a construção da proposta de uma etnogeografia da paisagem, alinhando olhar geográfico e ferramentas etnográficas. E por fim, Hissa (2006), que faz uma reflexão acerca do olhar espacial, ressaltando que para se compreender a essência do espaço precisa-se dirigir o olhar às suas origens, discutindo-se a natureza da observação

Na segunda etapa com o intuito de termos uma ideia da proporção de migrantes chineses em Fortaleza nós buscamos dados no Sistema Nacional de Cadastramento de Registro de Estrangeiros (SINCRE) e no Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), que organizados em tabelas produzidas no Excel, nos permitiram entender a espacialização da migração chinesa no Ceará, com ênfase na capital. Essa metodologia nos permitiu fazer o recorte espacial do trabalho, tendo em vista que, ela apresentou Fortaleza com maior aglutinação de chineses desenvolvendo atividades laborais.

Na terceira etapa partimos para o trabalho de campo. A etnogeografia foi o método fundamental para a investigação do fenômeno estudado e através de um enfoque qualitativo, obtido prioritariamente, pela observação não-participante, e com a utilização de caderno de campo e o uso de fotografias e imagens, evidenciamos aos nossos leitores e a comunidade científica, os elementos simbólicos que revelaram a presença de imigrantes de nacionalidade chinesa na paisagem fortalezense.

Para apresentar os elementos simbólicos trazidos pelos chineses e impressos no Centro fortalezense, nós fomos à campo. Observamos e contemplamos a paisagem sob a ótica de um olhar geográfico sobre a “paisagem chinesa” que se apresenta na capital. Exercemos esse olhar e percebemos vários elementos simbólicos que transformaram a paisagem do Centro de Fortaleza. De acordo com Hissa,

O olhar geográfico é entendido aqui como o de uma disciplina em construção constante que, através de transformações, também tornar-se-ia um olhar espacial, transdisciplinar, objetivando apreender dimensões de uma realidade em múltiplos movimentos: a espacialidade da existência das coisas e dos seres, da história e do tempo (HISSA, 2002, p.185).

Os elementos simbólicos coletados na análise qualitativa, foram observados dentro e fora das lojas em que os chineses realizam suas atividades laborais. Dentre eles destacamos: a presença do dragão, do leque, das bonecas e lanternas chinesas; as cores vermelho e amarelo; o nome fantasia das lojas de origem chinesa ou ligado a elementos de sua cultura; a culinária chinesa; o idioma (mandarim) falado pelos chineses ou utilizado em inscrições dentro das lojas chinesas; a disposição e origem da mercadoria; além de sua própria presença enquanto sujeito migrante. No caso dos restaurantes e das pastelarias, os alimentos comercializados por eles, pertenciam à sua culinária e se mostraram como um importante elemento evidenciado. E por fim, na quarta e última etapa, realizamos a confecção do texto

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos no SIDRA e SISMIGRA, revelaram que desde o início do século XXI, os chineses não param de chegar ao Ceará, principalmente em Fortaleza. De 2000 a 2017, chegaram ao Ceará 591 imigrantes chineses, e desses, 396 passaram a residir em Fortaleza. Em contrapartida, a partir de 2018, a migração chinesa para o Ceará diminuiu consideravelmente, mas não cessou, os chineses continuaram a migrar, e mesmo de forma tímida, transformaram a paisagem das cidades cearenses. Ressaltamos que nesse período o país passou por mudanças políticas resultando em uma diferente liderança, além disso, enfrentou uma Pandemia que afetou não somente ao país, mas ao mundo inteiro e impediu ou restringiu a mobilidade das pessoas nos lugares.

A transformação na paisagem foi percebida por meio dos elementos simbólicos encontrados nas lojas chinesas que contrastavam com a paisagem local. Eles eram carregados de significados tornando a paisagem do lugar mais rica. Nesse sentido, olhar a paisagem dos lugares pode nos fazer pensar e refletir sobre o mosaico que apresenta a riqueza da vida humana com seus simbolismos e suas culturas.

Enquanto aspectos de elementos associados a um simbolismo que retrata a paisagem chinesa no centro da cidade e observados por esta autora, podemos citar: a imagem do dragão, manifestação da onipotência imperial chinesa ligado também a questão mitológica, que está presente na maioria dos estabelecimentos representando prosperidade; as cores vermelho e amarelo, ambas consideradas cores da boa sorte, poder, felicidade e sucesso para os chineses, que estão presentes nas fachadas dos estabelecimentos comerciais; o leque que no passado foi símbolo de status na China e até hoje são populares em todos os segmentos do seu povo; as lanternas, símbolos típicos da cultura oriental, geralmente encontram-se penduradas na porta das lojas; a maioria dos nomes das lojas são ligados à cultura chinesa ou nos remetem ao seu país, como a lanchonete Dragões do Leste, as lojas Taiwan Importados, China Bolsas e Casa Formosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os chineses chegaram em Fortaleza carregados de história e cultura, e ao se instalarem no centro comercial de Fortaleza para exercer suas atividades laborais, eles estamparam o lugar com elementos simbólicos oriundos de seu país com uma pluralidade contemporânea. É possível perceber, portanto, uma paisagem alternativa imbricada, além de interações culturais entre grupos com modo de vida tão diferentes, entretanto, uma completando a outra.

Este trabalho nos permitiu conhecer melhor os chineses e diminuiu o estranhamento, até então sentido, com a presença dos elementos simbólicos trazidos por eles e que estão impressos em suas lojas.

Tendo em vista que a maioria dos estudos sobre dinâmicas migratórias são de natureza econômica, políticas e ambientais, este trabalho também abriu espaço para o estudo das migrações realizadas com abordagem e viés da Geografia Cultural, resgatando, a importância de saber olhar e descrever elementos dispostos nas paisagens dos lugares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGROSINO, Michael. Etnografia e observação participante. Tradução José Fonseca; consultoria, supervisão e revisão desta edição Bernardo Lewgoy. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2009. 138 p.

CASSIRER, E. A filosofia das formas simbólicas. I. A linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CAVALCANTI, Leonardo; TONHATI, Tânia; ARAÚJO, Dina; BOTEGA, Tuíla. (2015). Um Convite às teorias e conceitos sobre migrações internacionais. In. Dicionário Crítico de Migrações Internacionais. Leonardo Cavalcanti [et. Al.], (Org). - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

CHEN, Miao Shen. Cultura e Educação dos Imigrantes Chineses na Cidade de Cascavel/PR: dois mundos, um mesmo objetivo. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História da Educação Brasileira na Univ. Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - Campus Cascavel, 2010.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). Geografia cultural: uma antologia. Rio de Janeiro (RJ): UERJ, 2012. p. 245-276.

CORRÊA, Roberto Lobato. A dimensão cultural do espaço: alguns temas. Espaço e Cultura. [Sol.], n. 1, p. 1-22, ago. 2012.

_____ Caminhos paralelos e entrecruzados. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. Tradução de Olívia B. Lima da Silva In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). Geografia cultural: uma antologia. Rio de Janeiro (RJ):UERJ, 2012. p. 219-238.

DRIGO, Maria Ogécia; PEREZ, Clotilde. Espaços de vivência com a “cultura chinesa”: comunicação e rituais alimentares em foco. Signos do Consumo – v.4, n.2, 2012. P. 145-164.

DURAND, Jorge; LUSSI, Carmem. Metodologia e Teorias no Estudo das Migrações. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.



FERREIRA, Elidiane Silvia. Migração internacional e economia urbana: os chineses no território cearense. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará, 2016.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. A Mobilidade das Fronteiras – inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte. Editora da UFMG, 2002.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1989.

LISBOA, Henrique Carlos Ribeiro. A China e os chins: recordações de viagem. Rio de Janeiro: Fundação Alexandre de Gusmão / CHDD, 2016.

MARANDOLA JR., Eduardo; GALLO, Priscila M. Dal. Ser Migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. R. Bras. Est. Pop. Rio de Janeiro, v.27, n. 2, Jul/dez, 2010, p. 407.

MEINIG, D. W. O olho que observa: dez versões da mesma cena. Espaço e Cultura, UERJ, RJ. N. 13, p. 35- 46, Jan/Jun, 2002.

NEVES, T. de C.; VASCONCELOS, P. B.; LACERDA, N. **Trajetórias chinesas em rotas de comercialização**: implicações nos centros históricos do Brasil a partir do caso Recife - PE. GEOgraphia, vol. 24, n. 52, 2022. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2022.v24i52.a46968>

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. Ponto Urbe [online], 2 | 2008, posto online no dia 06 agosto 2014, consultado 19 abril 2019.

SANTOS, Miriam de Oliveira. Os “novos estrangeiros”. In: FERREIRA, Ademir Pacelli; VAINER, Carlos; PÓVOA NETO, Helion; SANTOS, Miriam de Oliveira. (Org.). A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p. 207-208.

SAYAD, Abdelmalek. A imigração: ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: editora EDUSP, 1998.

SOUZA, A.F.G. Saberes dinâmicos: o uso da etnografia nas pesquisas geográficas qualitativas. In: MARAFON, G.J., RAMIRES, J.C.L., RIBEIRO, M.A., and. PESSÔA, V.L.S., comps. Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, pp. 55-68.

TREVISAN, Cláudia. Os chineses. São Paulo: Contexto. 2014

VILELA, Elaine Meire. **Imigração Internacional e estratificação no mercado de trabalho brasileiro**. Tese de Doutorado em Ciências Humanas da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.